



## TEMAS DE PASTORAL

## O olhar pastoral do Papa Francisco: Escritura e Magistério em diálogo por um horizonte de evangelização urbana

*The pastoral vision of Pope Francis: Scripture and Magisterium in dialogue for an urban evangelization horizon*

*La visión pastoral del Papa Francisco: Escritura y Magisterio en diálogo por un horizonte de evangelización urbana*

**Ednoel Ribeiro de**

**Amorim<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0004-9354-8792](https://orcid.org/0009-0004-9354-8792)  
[era.ribeiroamorim@gmail.com](mailto:era.ribeiroamorim@gmail.com)

**José Erivaldo Dantas<sup>2</sup>**

[orcid.org/0009-0001-6116-2375](https://orcid.org/0009-0001-6116-2375)  
[erivaldodantas@paulus.com.br](mailto:erivaldodantas@paulus.com.br)

**Recebido em:** 18 abr. 2024.

**Aprovado em:** 05 jun. 2025.

**Publicado em:** 19 dez. 2025.

**Resumo:** O presente trabalho consiste em uma análise do olhar pastoral do Papa Francisco em relação à evangelização urbana, tendo como base uma proposição dialógica entre o Evangelho de João, o magistério da Igreja e a realidade das cidades contemporâneas. Por meio de uma reflexão sobre os diferentes olhares presentes na passagem de João 19, destacam-se as atitudes de indiferença, testemunho e fé representadas pelos personagens nela descritos. Em paralelo, são apresentados os desafios enfrentados pela pastoral urbana, especialmente no contexto da crescente urbanização e das desigualdades sociais. A encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, é explorada como uma fonte de inspiração e orientação para superar a indiferença e promover uma visão mais inclusiva e compassiva da fraternidade humana nas cidades. Diante disso, o presente estudo busca contribuir para uma compreensão mais ampla e aprofundada do papel da Igreja na evangelização, oferecendo *insights* relevantes para a reflexão teológica e a prática pastoral.

**Palavras-chave:** pastoral urbana; Papa Francisco; evangelização; Magistério; Sagrada Escritura.

**Abstract:** The present work consists of an analysis of Pope Francis' pastoral perspective in relation to urban evangelization, based on a dialogical proposition between the Gospel of John, the Church's magisterium and the reality of contemporary cities. Through a reflection on the different perspectives present in the passage from John 19, the attitudes of indifference, testimony and faith represented by the characters described there stand out. In parallel, the challenges faced by urban pastoral care are presented, especially in the context of growing urbanization and social inequalities. Pope Francis' encyclical *Fratelli Tutti* is explored as a source of inspiration and guidance to overcome indifference and promote a more inclusive and compassionate vision of human fraternity in cities. Given this, the present study seeks to contribute to a broader and deeper understanding of the role of the Church in evangelization, offering relevant insights for theological reflection and pastoral practice.

**Keywords:** urban pastoral; Pope Francis; evangelization; Magisterium; Holy Scripture.

**Resumen:** El presente trabajo consiste en un análisis de la perspectiva pastoral del Papa Francisco en relación a la evangelización urbana, a partir de una propuesta dialógica entre el Evangelio de Juan, el magisterio de la Iglesia y la realidad de las ciudades contemporáneas. A través de una reflexión sobre las diferentes perspectivas presentes en el pasaje de Juan 19, se destacan las actitudes de indiferencia, testimonio y fe representadas por los personajes allí descritos. Paralelamente, se presentan los desafíos que enfrenta la pastoral ur-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil.

<sup>2</sup> Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), São Paulo, SP, Brasil.

bana, especialmente en el contexto de una creciente urbanización y desigualdades sociales. La encíclica *Fratelli Tutti* del Papa Francisco se explora como una fuente de inspiración y guía para superar la indiferencia y promover una visión más inclusiva y compasiva de la fraternidad humana en las ciudades. Ante esto, el presente estudio busca contribuir a una comprensión más amplia y profunda del papel de la Iglesia en la evangelización, ofreciendo reflexiones relevantes para la reflexión teológica y la práctica pastoral.

**Palabras clave:** pastoral urbana; Papa Francisco; evangelización; Magisterio; Sagrada Escritura.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho busca explorar o olhar pastoral do Papa Francisco em consonância com os ensinamentos do Evangelho e do Magistério da Igreja, especialmente diante dos desafios apresentados pela evangelização em contextos urbanos. Num tempo marcado pelo crescente fenômeno da urbanização, a pastoral urbana emerge como um campo vital para a missão da Igreja, requerendo um olhar sensível e comprometido com as realidades complexas das metrópoles contemporâneas.

Partindo da reflexão sobre os diferentes olhares presentes na passagem do Evangelho de João 19, este artigo busca tecer conexões entre esses olhares e os desafios enfrentados pela pastoral urbana nos dias de hoje. Em um diálogo constante entre a Sagrada Escritura, o Magistério da Igreja e a realidade urbana, procura-se iluminar os caminhos para uma evangelização autêntica e transformadora nas cidades do século XXI. Não é tanto promover receitas infalíveis ou métodos prontos, mas recordar princípios que são valiosos e tantas vezes esquecidos.

Num tempo em que surgem preocupações eclesiais acerca de uma pretensa fidelidade às origens, encontramos um Papa que busca ser fiel às origens autênticas do viver evangélico, aquelas que remetem a Cristo e não a um período histórico particular. Partindo, pois, da Sagrada Escritura, este artigo adentra algumas reflexões cristológicas para, por fim, tecer, no conjunto das partes, uma reflexão catequético-pastoral sobre o olhar, no qual o elo é precisamente o Magistério presente na encíclica *Fratelli Tutti* e o apelo do Papa por uma Igreja cada vez mais em saída.

Desde o início de seu pontificado, com a *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco tem dedicado esforços principalmente com seus escritos sempre permeados de vida, esperança, profundidade e ardor evangélico. Diante da encíclica *Fratelli Tutti*, sabendo que ela se une ao conjunto das encíclicas sociais, engrandecendo e abrilhantando a Doutrina Social da Igreja, é inevitável não fazer relação com o quarto Evangelho e os seus três modos de olhar a Jesus crucificado.

Como foi indicado, esta reflexão tem como ponto de partida o capítulo 19. Para tanto, é importante concentrar o foco não no capítulo completo, mas apenas nos versículos de 31 a 37. Nessa perícopa, o escritor sagrado apresenta três personagens que são determinantes para aquilo que será apresentado. Interessa o fato de eles estarem diante de Jesus no momento decisivo de sua missão e o modo como se apresenta o tempo verbal da ação de cada um desses personagens.

## 1 OS OLHARES NO QUARTO EVANGELHO (JO 19,31-37)

Esta é a famosa "Hora de Jesus", momento decisivo da sua missão, o momento da sua páscoa. Como não é de surpreender, aqueles que se encontram ali para garantir a execução da sentença – "Crucifique-o!" (Jo 19,15) – não estão preocupados com a celebração do mistério pascal; estão, sim, preocupados com seus interesses, com sua vida privada, que poderá ser prejudicada caso os corpos permaneçam na cruz. A vida é, portanto, banalizada; estão ávidos pela morte, precisam apressar o momento quebrando as pernas aos crucificados. A cena dramática dispensa descrições.

Aproxima-se então o primeiro personagem. Esse é aquele que encarna o **olhar da indiferença**: "Quando se aproximaram de Jesus, viram que já estava morto; por isso, não lhe quebraram as pernas" (Jo 19,33). O verbo *εἶδον* (viram) está no aoristo, o que indica um tempo passado, porém é um tempo que não possui um limite, ou seja, é a ação que se prolonga no passado de forma indeterminada. Nesse sentido e considerando os outros personagens, percebe-se que eles viram

apenas um cenário de morte e nada além.

A vida não existe mais, ficou no passado e para estes perdeu a relevância. É um olhar sem identidade, rápido, superficial. Descreve-se como o olhar da indiferença, pois apenas está ali para cumprir a ordem; quer fazer o serviço rapidamente para seguir com sua vida corriqueira. A única coisa que é capaz de ver diante de si é a morte, e esta eternizada ou simplesmente prolongada no tempo, isto é, o que morreu não tem outras alternativas, seu destino foi consumado. O que resta na cruz é apenas um corpo inerte e sem perspectiva.

Como não lembrar as dinâmicas atuais de isolamento, de modo particular nos grandes centros? As pessoas entram juntas no ônibus, mas não se conhecem; frequentam os mesmos ambientes, mas não interagem. O caminhar pelas ruas é realizado de cabeça baixa, fones de ouvido conectados com o máximo volume consolidam a indiferença. Não existe interesse pela realidade que está à volta. O ser humano moderno que habita as cidades criou ou assimilou mecanismos de indiferença. Todavia, essa postura não tem a última palavra e nesse enredo não possui o protagonismo.

Entra em cena o segundo personagem. Esse é o **olhar do discípulo**. Diz o Evangelho: "E aquele que viu tem dado testemunho, e o testemunho dele é verdadeiro. Pois ele sabe que diz a verdade, para que também vocês acreditem" (Jo 19,35). Esse olhar *ὡρακῶς* (viu). Apesar de estar no passado e ainda pelo fato de ser um aoristo, possui um diferencial, algo que não estava presente no personagem anterior: ele está acompanhando da indicação do sujeito, daquele que pratica a ação de ver.

Portanto, aquele que viu e que agora dá testemunho é o protagonista de uma ação geradora de vida, não um personagem relegado ao anonimato. A ação promovida pelo discípulo possui frutos que alimentam o desejo de um futuro em comum. O testemunho do discípulo é fecundo de consolação, de catequese e repercute na vida da comunidade. Ele anuncia o objeto de sua contemplação para motivar a fé, sabendo que o que ele

anuncia é verdadeiro. O que o discípulo vê não é um cenário de morte, mas sim uma realidade "que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva" (CELAM, 2007, n. 243).

Aparece o terceiro personagem, que propriamente não está na cena, apenas é mencionado. É o **olhar da comunidade eclesial** ou terceiro olhar *ὄψονται*: "Olharão para aquele a quem transpassaram" (Jo 19,37). Esse é mais que um simples olhar, ele é contemplativo e exige os olhos da fé, que confiam no olhar testemunhal do discípulo. Por conta disso, esse personagem está diretamente ligado com o segundo. O terceiro olhar está expresso no futuro, e curiosamente, por designios particulares de Deus, o futuro evangélico é o presente da Igreja hoje.

O texto do quarto Evangelho fala da comunidade eclesial que estava por se formar e daquela de todos os tempos, inclusive a do século XXI, homens e mulheres de hoje, que, impulsionados não pelo olhar da indiferença, mas pelo do discipulado, percebem que esse crucificado é a razão da existência e, por isso, o olhar lançado a ele é de fé, a quem se confia a história, os sonhos e angústias. O que o autor sagrado anuncia como uma profecia da esperança é vivida como o presente de uma Igreja que se faz corpo nas pequenas atitudes cotidianas.

Eis, pois, os três personagens com seus respectivos olhares. Eles continuam a existir. Não apenas a profecia e o discipulado encontram lugar na vida dos cristãos; a indiferença também está presente e ameaça todos os dias aqueles que se colocam no caminho da evangelização.

## 2 O DISCIPULADO DE FRANCISCO CONTRA A INDIFERENÇA

Ao escrever a encíclica, *Fratelli Tutti* (Francisco, 2020), o Papa despertou a atenção para esses olhares, demonstrando que todos eles estão bem presentes no meio eclesial. O olhar do discípulo e o da comunidade são consequência da fidelidade ao chamado de Jesus. Já o olhar da indiferença é algo que deveria desaparecer, porém parece que o ser humano insiste em mantê-lo vivo.

O Papa, citando outra passagem bíblica em

sua encíclica, a parábola do bom samaritano, diz o seguinte:

Dia a dia enfrentamos a opção de ser bons samaritanos ou viandantes indiferentes que passam ao largo. E se estendermos o olhar à totalidade da nossa história e ao mundo no seu conjunto, reconheceremos que todos somos, ou fomos, como estas personagens: todos temos algo do ferido, do salteador, daqueles que passam ao largo e do bom samaritano (Francisco, 2020, n. 69).

O Papa está dizendo em poucas palavras que a decisão está nas mãos de cada um. Tanto se pode ser o agente da maldade, a vítima, quanto aqueles que passam e viram o rosto. Cabe que se faça um exame de consciência para analisar a própria condição e as próprias atitudes. *Sou como aquele caído na estrada merecedor de cuidados? Sou como os assaltantes que espoliaram o viajante? Ou ainda, Sou como aquele que passou ao longe? Sou capaz de oferecer algo como fez o Bom Samaritano?* As respostas a essas perguntas estão diretamente ligadas à relação que se tem com Cristo e à concepção de Deus que dele foi formada, ou seja, algo que compromete a fé diante do mistério ou algo que ficou num evento distante do passado?

Quando se fala em indiferença, o Papa diz que existem muitas maneiras de ela se manifestar, que inclusive são complementares entre si: "uma é ensimesmar-se, desinteressar-se dos outros, ficar indiferente; outra seria olhar só para fora. [...] verifica-se um desprezo dos pobres e da sua cultura" (Francisco, 2020, n. 73). Corre-se o risco de ficar tão cheios de si, das preocupações da vida particular, que não se tem tempo para olhar as necessidades dos outros e por isso nascem as posturas de indiferença, conscientes ou não, que para o Papa são fruto do desprezo deliberado ou da triste distração, mas de igual modo perigoso, pois uma vez que se retira do horizonte os pobres e suas reivindicações é de se questionar a qualidade do olhar lançado para o mundo.

Nesse momento, o Papa fala do olhar só para fora, referindo-se a países que visam apenas o que é importado, esquecendo-se dos problemas reais e urgentes que estão diante dos olhos, mas

não são vistos. Muito disso tudo acontece porque a tendência na qual está imersa a sociedade atual é a preocupação com as próprias coisas e os próprios problemas. Na rapidez da vida moderna, o outro é o menos importante. Talvez o momento em que o outro tenha recuperado um pouco de atenção seja quando sua vida é colocada na vitrine banal e fútil dos programas de televisão denominados *reality shows*.

Pensa-se que a felicidade está em ter tudo sob controle e ter o necessário para viver, todavia, como bem disse o Bem-aventurado Carlo Acutis: "A tristeza é o olhar voltado para si; a felicidade é o olhar voltado para Deus". De certo modo, é um pouco do que expressou a oração atribuída a São Francisco: "É dando que se recebe...", e lembrou o Papa Francisco na *Evangelli Gaudium*: "A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros" (Francisco, 2013, n. 10).

Em concretude, bastaria recorrer à Sagrada Escritura para entender que "quem quiser salvar a própria vida, a perderá. Mas quem perder a própria vida por causa de mim e do evangelho, a salvará" (Mc 8,35). Diante de tudo isso, cabe perguntar: *Qual é o tipo de Deus em que se acredita? A quem se está disposto a oferecer a vida?*

Quando Jesus diz na última ceia: "Isto é o meu corpo" (Lc 22,19), é motivo de alegria, pois fica a certeza de que Ele está presente na Eucaristia e nela se deixa encontrar todos os dias, seja nos sacrários, seja nas celebrações. Porém, quando Jesus diz: "Pois tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e me deram de beber, era estrangeiro e me acolheram, estava nu e me vestiram, estava doente e me visitaram, estava na cadeia e vieram me ver" (Mt 25,35-36), parece que prevalece um certo tipo de tristeza e nem se dá atenção, como se Jesus estivesse falando em metáforas, porém o que ele está dizendo é que do mesmo modo que sua presença é real na Eucaristia como alimento espiritual, também é presente nos pobres e sofredores, como aqueles destinatários prioritários da missão da Igreja. Entender esse conjunto de citações de outro modo é, por assim dizer, uma heresia, pois se escolhe apenas a parte da Escritura que mais interessa e

que é mais confortável. O herege é precisamente assim: alguém que não aceita a integralidade da fé, apenas escolhe o que lhe é conveniente.

Sobre isso, o cardeal Kasper (2014) escreveu que, se alguém quer encontrar com o Cristo que se senta no trono celestial, é bom saber que deve esperar encontrá-lo dormindo debaixo da ponte, faminto e tremendo de frio, esperar encontrá-lo como um peregrino errante, e enfatiza: "Quer realmente honrar o corpo de Cristo? Não aceiteis que esteja nu. Não o honreis aqui com vestes de seda e lá fora o deixeis morrer de frio e nudez"<sup>3</sup> (Kasper, 2014, p. 167, tradução nossa). Ele está dizendo que o que vale para a liturgia deveria valer para todas as dimensões da vida eclesial.

Desse modo, não é aceitável que se prestem honras ao Cristo dos altares e se despreze o Cristo das ruas. Quando o salmista diz que "nossos olhos estão fitos no Senhor" (Sl 122-123), não é de se visualizar alguém que passa horas em frente do sacrário numa capela rezando; contemple-se, sim, alguém que reza, mas também alguém que é capaz de cuidar, alguém que está aberto para os mistérios de Deus que se apresentam nas circunstâncias da vida.

Diante de cristãos, religiosos e pessoas comprometidas, muitas vezes essa religiosidade e compromisso chegam apenas aos ricos e aos rituais bem-preparados ou até mesmo às criativas transmissões de internet (*lives*), que não permitem às iniciativas ultrapassarem a tela do celular. É um pouco da denúncia que o Papa Francisco faz quando apresenta o jeito elegante que a sociedade globalizada tem de olhar com indiferença: "sob as aparências do politicamente correto ou das modas ideológicas, olhamos para aquele que sofre, mas não o tocamos, fazemos *lives* e até proferimos um discurso aparentemente tolerante e cheio de eufemismos" (Francisco, 2020, n. 76).

O triste é que a caridade fica apenas no discurso. Escutam-se frases bonitas nas homilias em relação aos pobres, mas quando estes são vistos pelas ruas repete-se o olhar da indiferença: "Viram que já estava morto". Nessa hora do julgamento

injusto, quem diz "já está morto" se esquece de que o seu individualismo foi o que o matou.

E aí o Papa apresenta uma sinalização mais forte e mais clara ainda:

A primeira pergunta que Jesus nos fará será: 'Como te comportaste com os pobres? Deste-lhes de comer? Quando estavam na prisão, visitaste-os? No hospital, viste-os? Ajudaste a viúva, os órfãos? Porque eu estava neles'. E sobre isso seremos julgados. Não seremos julgados pelo luxo ou pelas viagens que fazemos nem pela importância social que temos. Seremos julgados pela nossa relação com os pobres. Mas se eu hoje ignorar os pobres, os puser de lado, considerando que eles não existem, o Senhor irá ignorar-me no Dia do Juízo. Quando Jesus disse: 'Pobres, sempre os terei convosco' significa 'Eu estarei sempre convosco nos pobres. Neles estarei presente'. E isto não é ser comunista, isto é o centro do Evangelho: seremos julgados por isto (Francisco, 2019, p. 3).

Clareza maior que essa é difícil de encontrar. Por isso, o olhar do discípulo, além de ser o que reage contra a indiferença, é um olhar de esperança, de comprometimento fecundo, que "sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna" (Francisco, 2020, n. 55).

Reafirma-se, portanto, na pessoa do Papa Francisco o testemunho de fé de quem fez uma experiência forte com Jesus e agora a transmite para que outros acreditem. O Papa fala aquilo que ele viveu e vive, sabe que seu testemunho é verdadeiro. No centro da mensagem do Papa está a necessidade de superar a indiferença e o individualismo, que tantas vezes permeiam a vida nas cidades, abraçando uma visão mais ampla e inclusiva da fraternidade humana.

Ao olhar para além dos interesses pessoais e abrir os corações para as necessidades dos outros, é possível tornar-se verdadeiramente agente de transformação nas diversas comunidades, pastorais e iniciativas eclesiais em contexto urbano. É importante perceber o valor que a comunidade possui, principalmente quando o Papa Francisco afirma: "Não deixeis que vos roubem a

<sup>3</sup> Do original: "¿Queréis de verdad honrar el cuerpo de Cristo? No consintais que esté desnudo. No lo honréis aquí con vestidos de seda y fuera lo dejéis perecer de frío y desnudez".

comunidade" (Francisco, 2013, n. 92).

### 3 O PRESENTE E O FUTURO DO OLHAR ECLESIAL URBANO

A comunidade dos batizados que se reúne na fé do Cristo, diante de tudo que foi apresentado, evidentemente não precisa ser miserável, mas tem a necessidade evangélica de viver a pobreza e ser pobre com os pobres, uma vez que estes são os prediletos do Senhor. A opção preferencial por eles não é uma questão cultural, uma ideologia social ou política, mas uma questão teológica e de identidade, principalmente porque Jesus identificou-se com esses de modo ontológico, como foi visto, e sempre em suas atividades podia ser visto com eles.

Seus gestos e palavras foram direcionados para eles. Essa postura de Jesus é um convite eloquente e insistente para que o olhar da comunidade, o olhar do futuro, seja um olhar que possa se manifestar no hoje da Igreja. Um olhar que não seja excludente, mas apenas preferencial. "Olharão para aquele que transpassaram" (Jo 19,37): muitos são aqueles que hoje estão transpassados pela miséria, pela fome, pela injustiça, violência, desemprego, racismo, discriminação.

Nesse itinerário, o Papa Francisco indica a necessidade da comunicação para a descoberta do outro e de suas riquezas, na qual aqueles que se abrem para essa dinâmica serão capazes de valorizar os vínculos "e olhar as diferenças como possibilidades de crescimento no respeito por todos. Torna-se necessário um diálogo paciente e confiante, para que as pessoas, as famílias e as comunidades possam transmitir os valores da própria cultura e acolher o bem" (Francisco, 2020, n. 134). Um bem que é proveniente das mais diversas partes, pois todos formam uma única família.

Certamente, o segredo para vencer a indiferença é fugir da tentação do individualismo. O Papa Francisco disse que "Só com um olhar cujo horizonte esteja transformado pela caridade, levando-nos a perceber a dignidade do outro, é que os pobres são reconhecidos e apreciados na sua dignidade imensa, respeitados no seu

estilo próprio e cultura" (Francisco, 2020, n. 187). Sem isso, não existirá uma verdadeira integração social, que para o pontífice é a causa de uma harmonia social e o verdadeiro espírito da política, que precisa unir forças para promover uma educação que não permita ao ser humano tornar-se passivo diante de obras que se dizem altruístas, mas sim que os façam artífices de seus destinos, numa dinâmica que une subsidiariedade e solidariedade, princípios fundamentais da Doutrina Social da Igreja.

Para o Papa Francisco, "Sabemos bem que, todas as vezes que aprendemos, como pessoas e comunidades, a olhar para mais alto do que nós mesmos e os nossos interesses particulares, a compreensão e o compromisso recíprocos transformam-se em solidariedade" (Francisco, 2020, n. 245). O olhar do presente e do futuro é, portanto, aquele que contempla o Cristo em sua integralidade e é capaz de abrir-se para um horizonte mais amplo e mais fecundo.

### CONCLUSÃO

Como consta em Mateus, "A lâmpada do corpo é o olho. Portanto, se o seu olho for bom, seu corpo inteiro ficará iluminado. Porém, se o seu olho for ruim, seu corpo inteiro ficará escuro. E se a luz que existe em você é escuridão, quão grande será a escuridão mesma!" (Mt 6,22-23). Um grande mistério, porém, uma realidade que não é difícil de entender. Aquilo que se coloca diante dos olhos é o que vai alimentando o ser. É preciso, pois, colocar para dentro as luzes que vêm de Deus, olhar para ele chagado e querer cuidar de suas feridas.

Também é preciso pedir ao Senhor um coração que saiba olhar com os olhos de Deus (Francisco, 2020, n. 281), para saber o que se quer, pois o "olhar divaga quando o coração não sabe o que quer" (Galvão, 2019, p. 181). A vida precisa de propósitos. Colocar integralmente os valores do Evangelho como propósitos para a vida é um caminho que convoca um novo olhar sobre a realidade de modo a transformá-la, transformando em primeiro lugar as concepções que estão no interior da pessoa.

## REFERÊNCIAS

BIBLE HUB. *John 19*. [S. l.], 2012. Disponível em: <https://biblehub.com/interlinear/study/john/19.htm>. Acesso em: 19 nov. 2023.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E DO CARIBE (CELAM). *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

FRANCISCO, Papa. *Buscar Jesus no pobre: meditações matutinas*. Vaticano, 6 abr. 2019. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie\\_20200406\\_la-po-verta-nascosta.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200406_la-po-verta-nascosta.html). Acesso em: 10 abr. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium (EG): Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Vaticano, 2013. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html). Acesso em: 16 abr. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social: Carta Encíclica*. São Paulo: Paulus, 2020. (Magistério).

GALVÃO, Francisco. *Minuto de resiliência: para viver com sentido*. São Paulo: Paulus, 2019.

KASPER, Walter. *La misericordia: clave del evangelio y de la vida cristiana*. 5. ed. Santander: Sal Terrae, 2014. (Presencia Teológica).

NOVA Bíblia Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

---

## Ednoel Ribeiro de Amorim

Mestrando em Tecnologia da Inteligência e Design Digital pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

---

## José Erivaldo Dantas

Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Diretor da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), São Paulo, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

### Ednoel Ribeiro de Amorim

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Rua Monte Alegre, 984  
Perdizes, 05014-901  
São Paulo, SP, Brasil

### José Erivaldo Dantas

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação  
Rua Major Maragliano, 191  
Vila Mariana, 04017-030  
São Paulo, SP, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*